

À CPI da Covid, Cristiano Carvalho, representante da Davati, diz que dois grupos dentro do Ministério da Saúde negociavam compra de vacinas, ambos formados por coronéis. Ele afirma que tratou diretamente com Elcio Franco sobre a venda de imunizantes

Mais militares na berlinda

» SARAH TEÓFILO
» LUIZ CALCAGNO

Mais nomes de militares aparecem na CPI da Covid como suspeitos de irregularidades na compra de vacinas contra o novo coronavírus. Na avaliação de integrantes do colegiado, havia dois grupos no Ministério da Saúde que disputavam as negociações de imunizantes. Um deles, do coronel Marcelo Blanco, então assessor do Departamento de Logística, e de Roberto Dias, que era diretor de Logística; e o outro do então secretário-executivo, Elcio Franco, e do coronel Helcio Bruno de Almeida.

Ontem, em depoimento à comissão, o representante da empresa americana Davati Medical Supply, Cristiano Carvalho, acrescentou elementos a essa hipótese, reforçando a existência dos concorrentes e adicionando patentes à investigação.

Ex-operador de Forças Especiais do Exército, Helcio Bruno é presidente da organização de extrema-direita Instituto Força Brasil. No site, dizem ser uma organização sem fins lucrativos, "com sede em Brasília e capilaridade nacional, organizado pela união de patriotas, (...) que se propõe a fazer frente à hegemonia da esquerda como participante do poder (...)".

Carvalho afirmou que conheceu o cabo Luiz Paulo Dominghetti, que se declara vendedor autônomo de vacinas, por meio de um amigo em comum e que se falaram, pela primeira vez, em 10 de fevereiro, quando o PM o procurou interessado na aquisição de vacina pelo governo federal. Segundo ele, o militar já tinha uma parceria com a ONG Secretaria Nacional de Assuntos Humanitários (Senah), presidida pelo reverendo Amilton Gomes de Paula.

Logo depois, em 25 de fevereiro, Dominghetti se encontraria com o então diretor de Logística do Ministério da Saúde, Ro-

berto Dias, na tentativa de vender 400 milhões de doses da AstraZeneca. Dias teria pedido propina de US\$ 1 por unidade. Já Helcio Almeida entra na história no dia do encontro de Carvalho com o então secretário-executivo da pasta, coronel Elcio Franco, em 12 de março.

Nessa reunião no ministério, para a qual foi levado pelo reverendo Amilton de Paula, estavam presentes, além de Elcio Franco, o coronel Cleverson Boechat, então coordenador-geral de Planejamento da pasta; e o coronel Marcelo Bento Pires, que era diretor de Programa. Pires fez várias perguntas sobre entrega e produto, segundo Carvalho. "O Instituto Força Brasil, a meu ver, foi o braço que a Senah utilizou para chegar a Elcio Franco", afirmou o depoente.

Em nota, o Instituto Força Brasil informou que apoia iniciativas que "tenham por objeto promover ações relacionadas à saúde" e que não tem relação comercial ou de cooperação com a Davati. "Tratamos assuntos relacionados à vacinação com a Secretaria Executiva, principalmente no sentido de aperfeiçoar a legislação que facilitava a vacinação por empresas privadas, com vistas a acelerar a imunização da classe trabalhadora e liberá-las à produção", explicou.



Edilson Rodrigues/Agência Senado



O empresário Cristiano Carvalho chegou a se confundir durante o depoimento: "Desculpe, são muitos coronéis e muitos helcios"

Suspeitos de envolvimento

Entre os citados, ontem, na CPI da Covid como envolvidos na negociação da Davati Medical Supply, seis são militares. Veja os nomes

- » Coronel Elcio Franco, ex-secretário-executivo do Ministério da Saúde
- » Coronel Marcelo Blanco, ex-assessor do Departamento de Logística e ex-diretor substituto
- » Coronel Cleverson Boechat, ex-coordenador-geral de Planejamento do ministério
- » Coronel Marcelo Bento Pires, ex-diretor de Programa
- » Coronel Glaucio Octaviano Guerra, assessor do adido militar da Embaixada do Brasil em Washington
- » Tenente-coronel Helcio Bruno de Almeida, presidente do Instituto Força Brasil

Inquiridos

O caso do Instituto Força Brasil tem potencial, segundo o vice-presidente Randolfe Rodrigues (Rede-AP), para abrir uma terceira frente nas investigações da CPI, que, mais uma vez, aproximará o trabalho dos senadores do executado pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News. Rodrigues listou as relações do instituto com sites que divulgam notícias falsas, inclusive contra vacinas. "Esse Instituto Força Brasil patrocina um conjunto de redes que estão sendo investigadas num inquérito das fake news e também na CPMI

da Fake News", destacou.

O senador também citou que o vice-presidente do instituto é Otávio Fakhoury. "Ele é investigado nos atos antidemocráticos e no inquérito da fake news", ressaltou. Um dos sites listados na página do Força Brasil é chamado Crítica Nacional, que foi mencionado pelo senador. O parlamentar leu alguns títulos de matérias do portal, que exaltam o "tratamento precoce" e colocavam em dúvida a vacina. O site também divulgava informações falsas, como a de que vacinas contra a covid estariam criando variáveis do vírus. O instituto retirou da página o nome dos seus membros e suas biografias.

Pedro França/Agência Senado



O senador Omar Aziz sobre tuítes: "Deve ter sido um moleque"

Bolsonaro bate; e CPI revida

» AUGUSTO FERNANDES

Mesmo internado em São Paulo para tratar um quadro de obstrução intestinal, o presidente Jair Bolsonaro usou as redes sociais, ontem, para fazer críticas à CPI da Covid e a Cristiano Carvalho, representante da Davati Medical Supply no Brasil, que prestou depoimento ao colegiado. Carvalho admitiu que soube do suposto pedido de propina revelado pelo cabo da PM Luiz Paulo Dominghetti, autodeclarado vendedor autônomo de vacinas. À CPI, o militar declarou que, ao tentar vender 400 milhões de doses da AstraZeneca ao governo federal, em nome da Davati, foi sondado com uma proposta feita pelo então diretor do Departamento de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Dias, para que o

Executivo ficasse com US\$ 1 do valor de cada unidade.

Bolsonaro criticou Carvalho e citou trechos do representante da Davati para ironizá-lo, como o de que ele teve de recorrer ao auxílio emergencial, no ano passado, por conta de dificuldades financeiras. "Um 'negócio' bilionário onde o Cristiano, para 'sobreviver', usa do artifício de se beneficiar do auxílio emergencial (sacou e não devolveu R\$ 4.100 em 2020)", publicou o presidente.

O chefe do Executivo ainda reclamou da tentativa de integrantes da CPI em querer acusar o governo de corrupção. "O que frustra o G-7 é não encontrar um só indício de corrupção em meu governo. No caso atual, querem nos acusar de corrupção onde nada foi comprado, ou um só real foi pago", destacou.

Bolsonaro ainda atacou o pre-

sidente do colegiado, Omar Aziz (PSD-AM); o vice-presidente, Randolfe Rodrigues (Rede-AP); e o relator, Renan Calheiros (MDB-AL). "No circo da CPI, Renan, Omar e Saltitante estão mais para três otários que três patetas", postou.

Aziz não perdoou ao rebater as ofensas: "Não quero acreditar que o presidente Jair Bolsonaro, num leito de hospital, esteja gastando energia para atacar os senadores da CPI. Deve ter sido um moleque — que não tem coragem de mostrar o que é de verdade — que fica assacando quem o contraria. Se tivesse tido uma boa criação, talvez hoje tivesse a coragem esperada de um homem. Mas ainda vai crescer muito e levar uns cascudo da vida", disparou, numa referência velada ao vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ). O chefe do Planalto já disse que o filho tem a se-

nhá dele do Twitter. O senador completou: "Presidente, quero o senhor com saúde para enfrentá-lo no bom debate, com dignidade, sem apelação. É como fazem grandes homens".

Randolfe Rodrigues também reagiu duramente. "Senhor Pr... não! Pres... Não. Bolsonaro... Estimo melhoras! A CPI está avançando e nada vai atrapalhar as investigações! Entendo o nervosismo, especialmente com as denúncias de prevaricação e corrupção que se acumulam. Seus ataques só nos estimulam ainda mais. Não vão nos intimidar!", escreveu. "E saiba que não me incomodo com os termos que você utiliza para se referir a mim 'saltitante, fala fina'... O sr. só não pode me chamar de corrupto, miliciano, superfaturador de vacina e líder internacional da fraude, né?"



Acesse com a câmera do celular:

Participe da PDAD 2021 e ajude o DF a se desenvolver.

De maio a outubro de 2021, a Codeplan realiza mais uma **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**, que acontece desde 2004. Para responder a essa pesquisa, ninguém melhor que um especialista na cidade: você, cidadão. Por meio da PDAD 2021, o GDF terá acesso a um diagnóstico detalhado sobre a atual situação do Distrito Federal, ajudando o governo a desenhar políticas públicas adequadas à realidade da população. **Por isso, sua participação é fundamental.**

Pesquisa realizada na porta de casa ou até mesmo por interfone.

São solicitados apenas nome e telefone.

Podem participar maiores de 14 anos e o responsável pelo domicílio.

Pesquisadores utilizam crachá, colete identificador e equipamentos de segurança.

Lave as mãos com frequência.

Use álcool em gel.

Use máscara.

Evite aglomerações.

Acesse: www.codeplan.df.gov.br ou disque (61) 3342-1102 / 3342-1349

Secretaria de Economia

